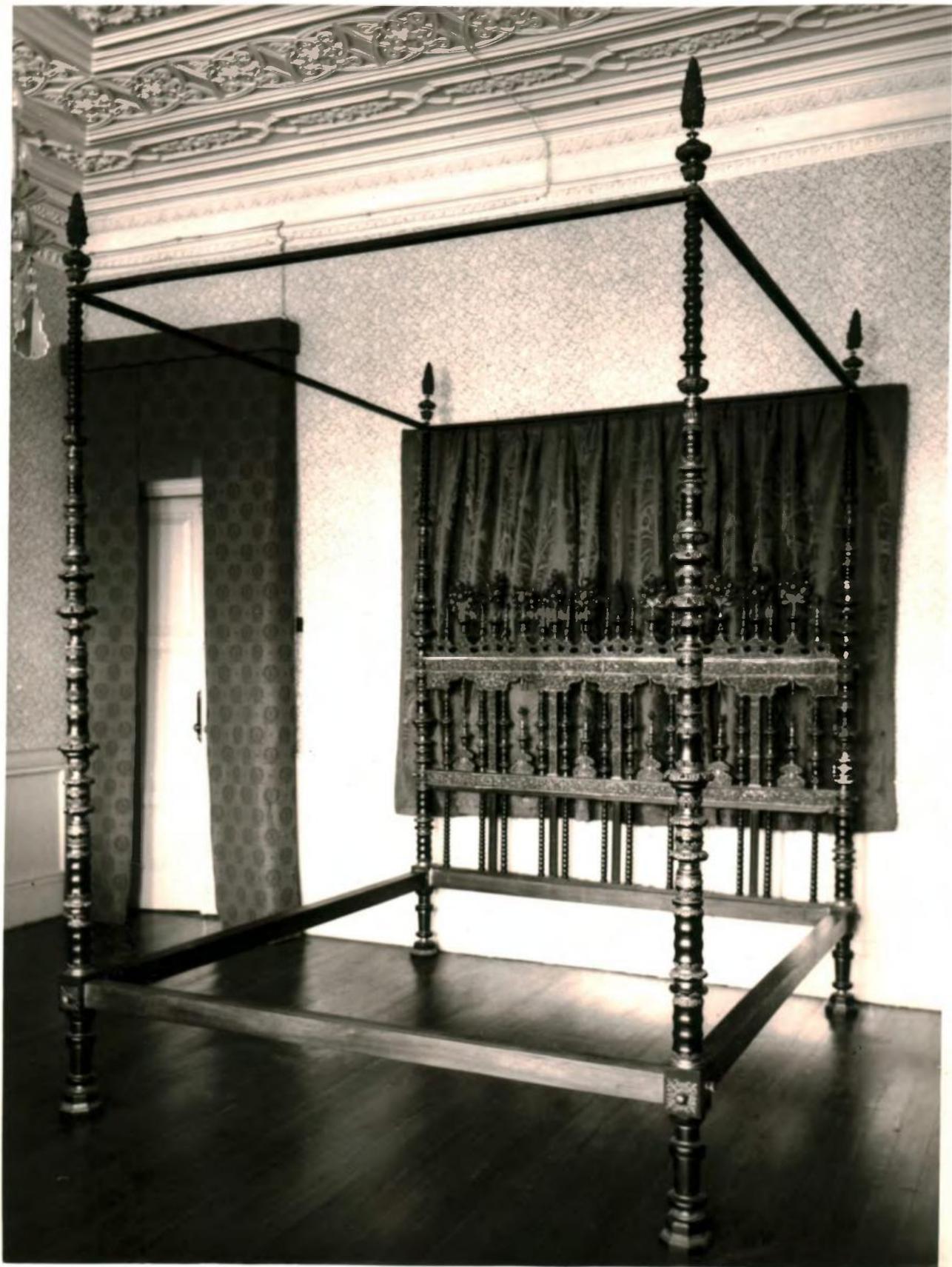


ARTIGOS DO
"GIL VICENTE"

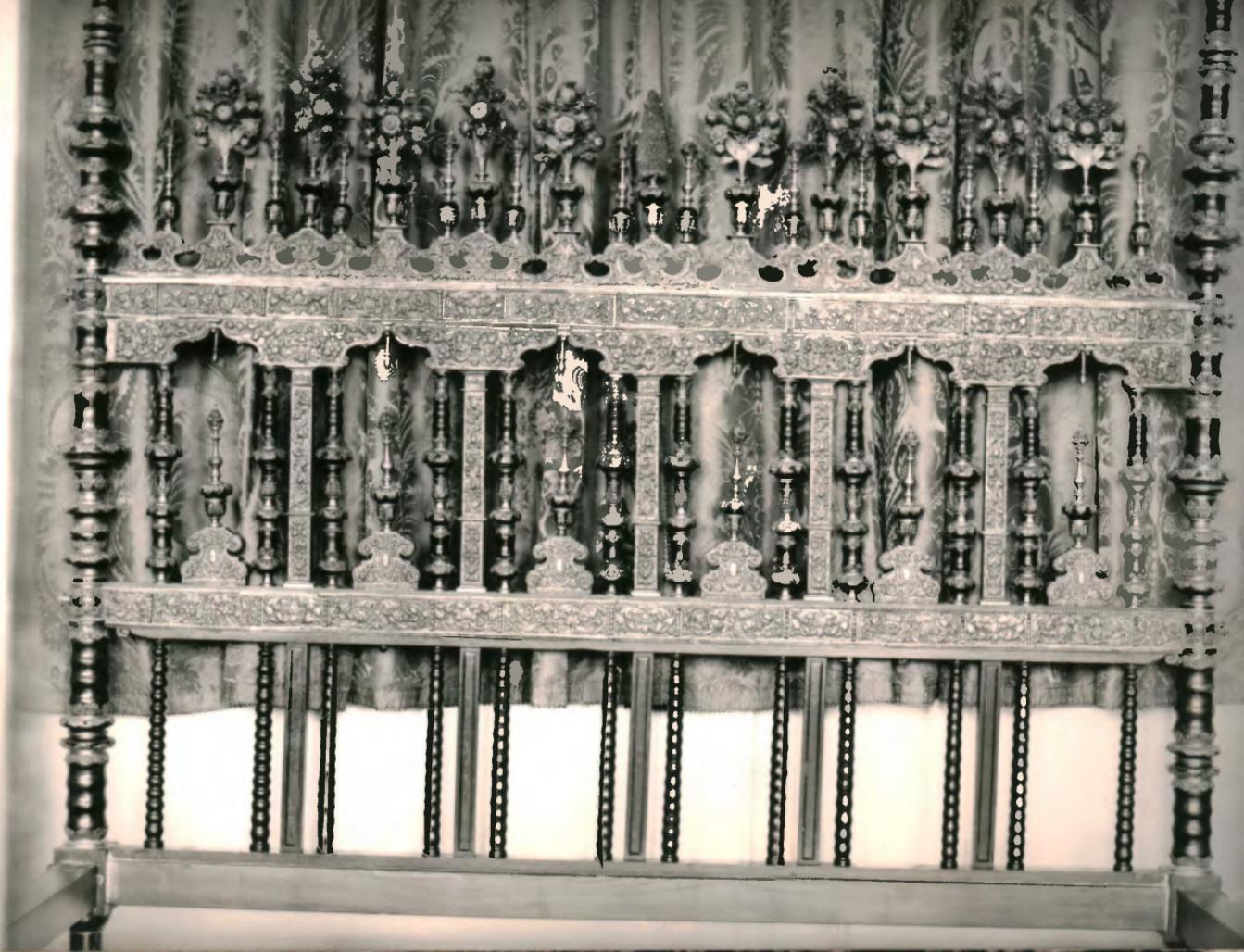
A PROPÓSITO DUMA CAMA
IMPERIAL DOS MARQUESSES
DO CAVALAL

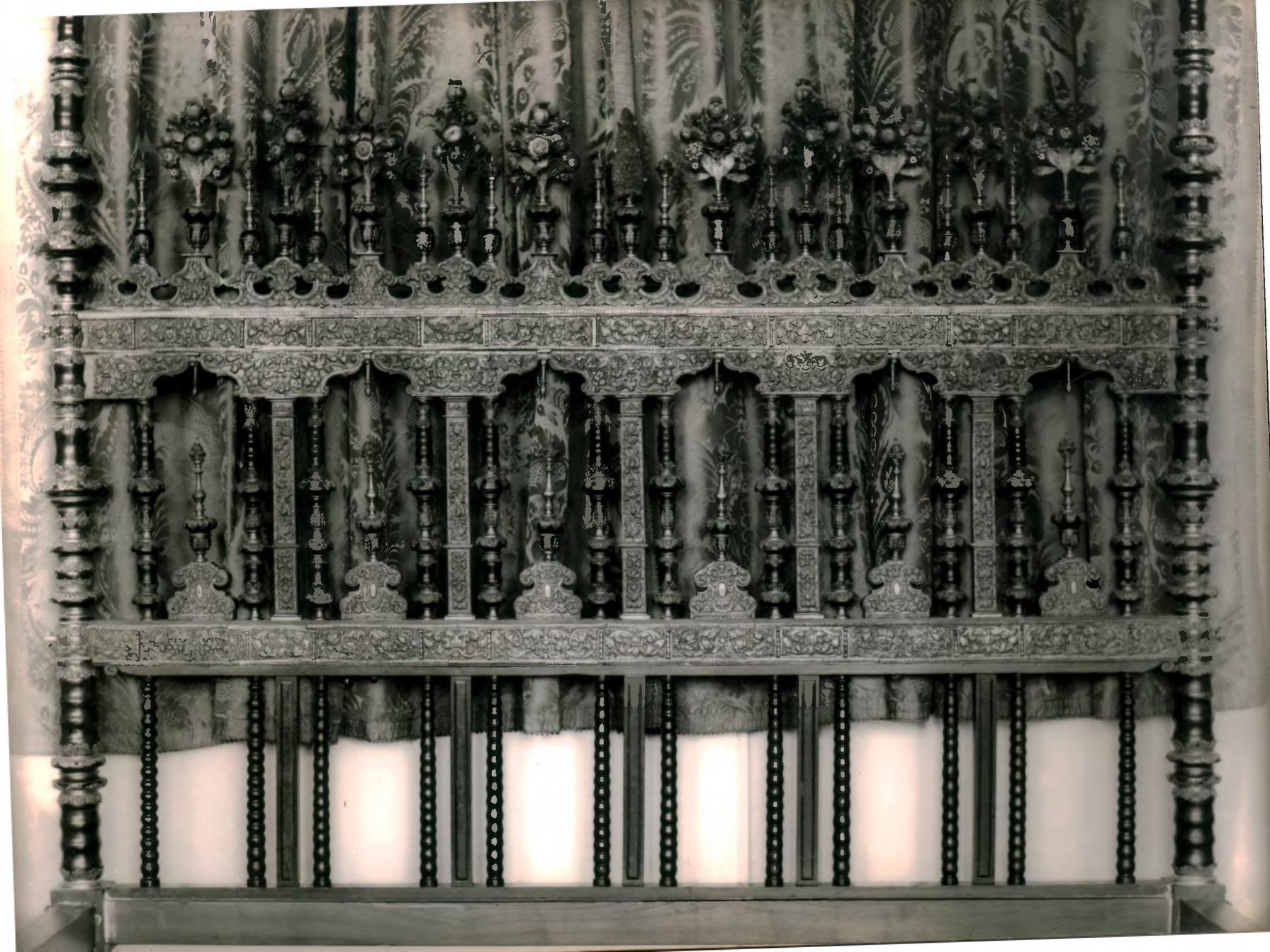






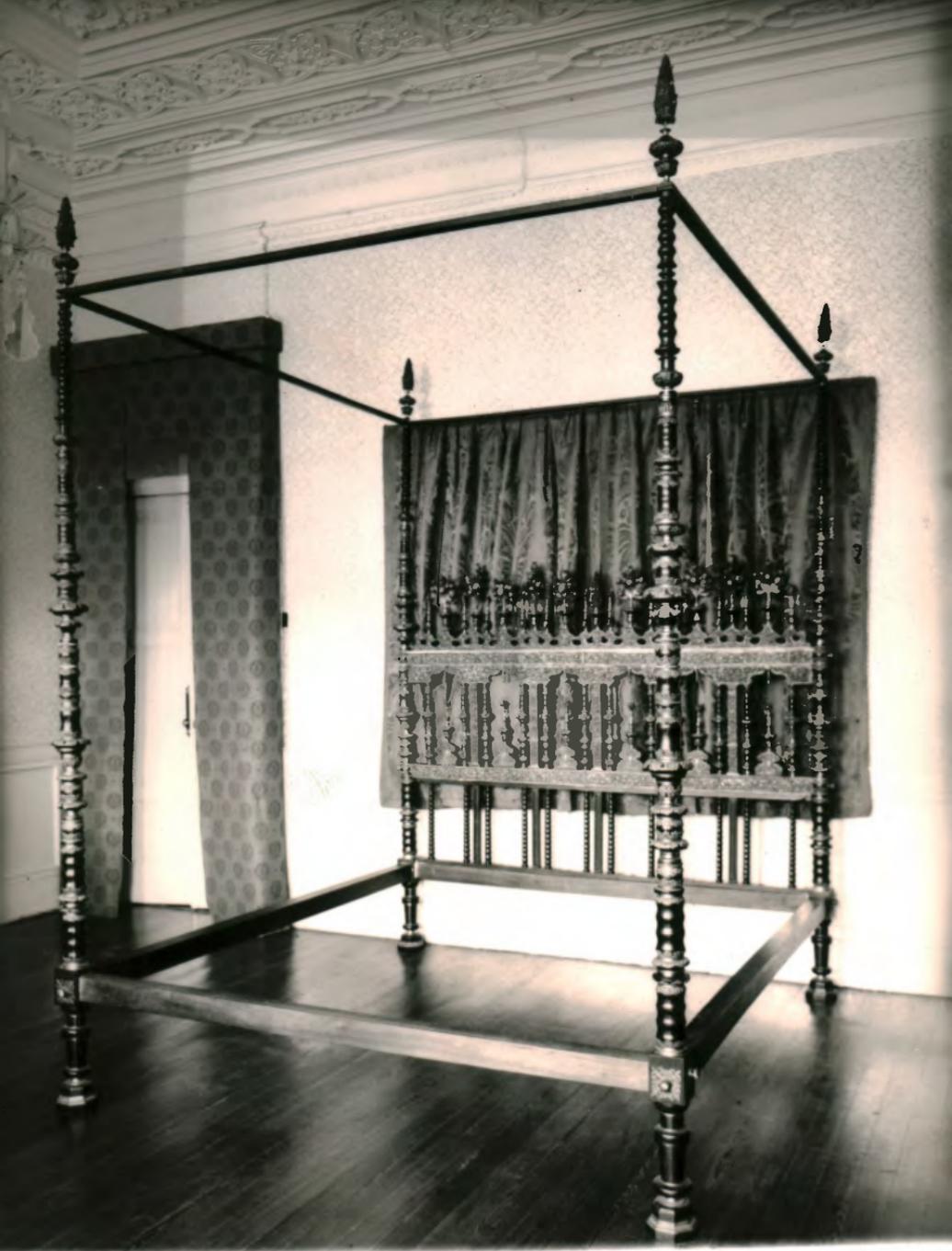


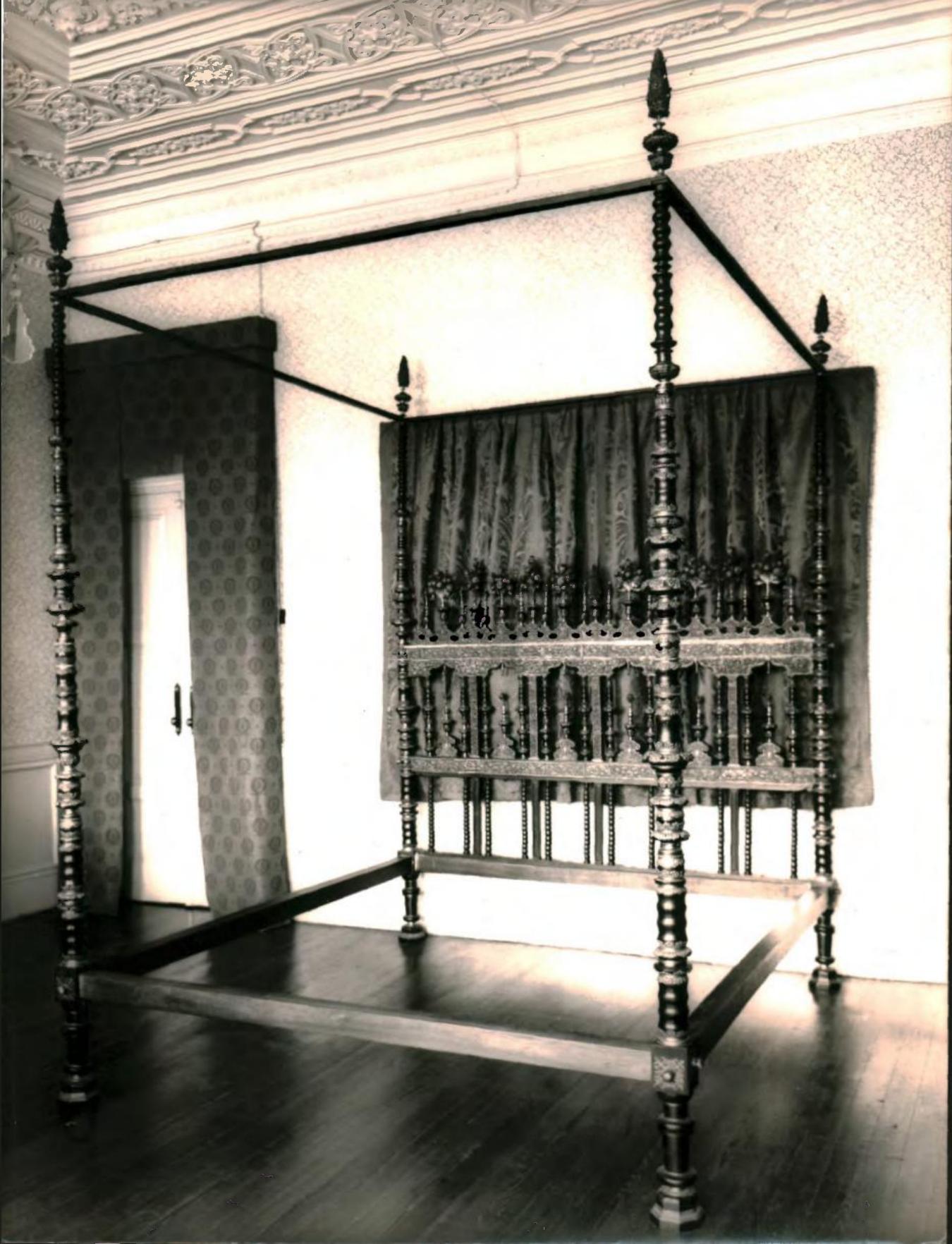












Cama à venda num leilão do Azeiteiro
em Lisboa onde atingiu o lance de ~ 70 con-
ta em lei adjudicada. Mantém para o
Campeão da Praia sendo vendida ao A. Ten-
cator por 140 contos. Este pode agora (1962)
300 contos, sendo interessado a fundar um
seu filho. Será a de Paqueta do Cada-
val? Os 4 filhos da colónia estão
afora nos colmeias do docel



LIVRARIA EDITORA PAX, LDA.

EDITORIAL • LIVRARIA • PAPELARIA • TIPOGRAFIA • ENCADERNAÇÃO
RUA DO SOUTO, 73 e 77 — TELEFONE PPC 22604 — BRAGA — PORTUGAL

Ex.^{mo} (s) Senhor (es)

Eng.^o J. Bernardo Ferrão

Rua da Senhora da Luz, 24

Foz do Douro

IMPRESSO



Recibo Nº 15243

LIVRARIA EDITORA PAX, LDA.

EDITORIAL • LIVRARIA • PAPELARIA • TIPOGRAFIA • ENCADERNAÇÃO

RUA DO SOUTO, 73 A 77 — TELEF. P P C 22604

BRAGA — PORTUGAL

Ex. mo

Eng.º D. Bernardo Feud

Rua da Senhora da Luz, 24

FOZ DO DOURO

Recebemos a quantia de

Citocentos e vinte Escudos

valor da factura n.º 12474

S/pagamento com cheque n.º 698762, of B.P. Atlântico

ESC.

820 \$ *00*

Pela Livraria Editora Pax, L.ª

1\$00

BRAGA, 21 T 1.º 1973

Abel António Pereira

GIL VICENTE

REVISTA DE PORTUGALIDADE



VOL. XXIII

2.^a SÉRIE

NÚMEROS 11 e 12

NOVEMBRO e DEZEMBRO

GVIMARÃES

1972

GIL VICENTE

REVISTA DE PORTUGALIDADE

Fundadores: (†) D. JOSÉ FERRÃO e MANUEL ALVES DE OLIVEIRA

Director: MANUEL ALVES DE OLIVEIRA

Vol. XXIII — 2.^a série — 1 9 7 2 — N.ºs 11 e 12 — Novembro e Dezembro

Sumário

RODRIGO EMÍLIO, No quarto Centenário da publicação de «Os Lusíadas»; Maurília Galati Gottlob, Os olhos nos Sonetos de Camões (Conclusão); Bernardo Ferrão de Tavares e Távora, A propósito duma «cama imperial» dos Marquêses do Cadaval; Eurico Gama, Elvas entre dois fogos (Liberais e Absolutistas) — V — Da Carta Constitucional de 1826 ao regresso de D. Miguel em 1828; Manuel Alves de Oliveira, Nas asas do «urubú» — à descoberta do novo Brasil — X — A Língua e a Gíria; Rodrigo Emílio, Notas à Margem — Evocação crítica de Tomaz de Figueiredo.

ILUSTRAÇÕES:

«Cama imperial» dos Marquêses do Cadaval.

INDICE

ASSINATURAS	{	Continente e Ilhas	1 ano, 80\$00 (à cobrança mais 5\$00); 6 meses, 50\$00
		Províncias Ultramarinas	1 ano, 150\$00
		Estrangeiro	1 ano, 170\$00

Pagamento feito directa e adiantamente à Administração

EDITOR E PROPRIETÁRIO — MANUEL ALVES DE OLIVEIRA
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — Av. Eng.º Duarte Pacheco, n.º 100

Telefone 40285 — GUIMARÃES

COMPOSTO E IMPRESSO — Livraria Editora Pax, Lda. - BRAGA

S/

CASA DE CANEIROS

GUMARÃES

Querido Sr. Bernardo,

Estou muito obrigado pelo seu
tão amavel e generoso trabalho
"A propósito de uma causa imperiosa dos
blaqueados de Cadaval". Tem sempre o
maior interesse conhecer as vicissitudes por que
passam as preciosidades que tanto apreciamos,

isto é, a sua Historia que, contada de maneira
tão interessante e precisa, como Você o
faz, é, na verdade, de encantar. Bem
hoje e que o desejo o respensivis, para
evitar que tanta maravilha se
Também não vale comentar.

Beizinho - nos conto a sua Mulher, e quem
a mão beijo a mãe-me amiga certa, que
o abraço

Prof. Felício

21/12/1972



MUSEU NACIONAL
DE ARTE ANTIGA
LISBOA

Lisboa 11 Fev - 1975

Sr. Eng. Bernardo Fernandes

Recebi e agradeço muito sinceramente
a vossa publicação sobre a Causa Imperial
dos Cadavrais.

Li o folheto com o maior dos
interesses pelo que nele aprendi
e pela maneira agradavel e de preten-
siosa como está escrito.

Muito obrigado pela feliz ideia de
se ter lembrado de me enviar.

Quanto à fotografia de papelaria,
lamento que não tenha chegado
a tempo, para ilustrar o artigo
sobre notitias paterne assinado.
Paciência!

Cito-a do mesmo modo, referindo-me

ao catálogo da Exposição de "Ambientes
Portugueses" e ao livro "World Furniture".

Pedir-lhe o favor de transmitir o
meu afidecimento à Sr.^a Rita Vasconcelos
Pinto Vanzeler. Se a fotografia cá
chegar, reserva-la-ei para outros artigos.

Espero ir ao Porto no todo este mês
e pode ser que tenha o prazer de
o encontrar.

Com os meus melhores cumprimentos
creia-me muito grato

Sr.^a Helena Mendes Pinto

BILHETE

POSTAL

Ex. mo Senhor

Rua
Pinto
Berra,

681,3; D^{ta}

Porto

Eng.º Bernardo Ferrão

Rua de N.ª S.ª da Luz - 24

Foz do Douro

Porto

R. remetente

Endereço

Porto, 12/XII/72

Querido Amigo:

Muito aprendi com a leitura do seu último trabalho, pelo qual o felicito. Saiba o meu Amigo que eu vi esta cama na Póvoa, na Casa do "Macarrão". Em 1963 eu estava a leccionar no liceu de Póvoa. Tenho a impressão que na altura pediam 200 contos pelo modelo. Não compreendo como os "responsáveis" de que fala não agiram ao menos ~~de~~ no sentido de se inventariar a peça. Assim, ela não teria ido para fora. Agora "agarre-se" aos banqueiros, únicos que podem adquirir a cama. Grande abraço do amigo certo Flávio Gonçalves

No inolvidável Rec
uando, amigo de vobos

D. ANTÓNIO DE QUEIROZ VASCONCELOS E LENCASRE
DIRECTOR-ADJUNTO DO INSTITUTO DO VINHO DO PORTO

erap, esteito num dia
es de muito reconheci
mento pelas desicatórias

e objecta das tres public
cações monopólicas do
da tua autoria, de
muito interesse, uma
das quais já tenho apre
ciado no Pel Vicente.

De ti vou ter as notícias
pelo Fernando. Como andas?

De tu xi 



LIVRARIA EDITORA PAX, LDA.

EDITORIAL • LIVRARIA • PAPELARIA • TIPOGRAFIA • ENCADERNAÇÃO

RUA DO SOUTO, 73 A 77 — TELEF. P P C 22604
BRAGA — PORTUGAL

FACTURA N.º 12474

Ex.^{mo(s)} Sr(s).

Eng.º D. Bernardo
Ferreira
Rua da Senhora da Luz, 24
São do Douro

N.º Certificado de Registo n.º 12 859

Braga, 29 de Maio de 1972

DEVE(M)

Orçem.	Fiche	Quantidade	DESCRIÇÃO	Importâncias
	87-57-1	70	Separatas da revista « Pijil Vicente », intitulada: « A proposta de uma cama imperial dos Marqueses do Cadaval »	82000
Total Líquido			Porte e embalagem	Total da Factura
Esc.			Esc.	Esc. 82000

*Recebi pago pelo
secretário*

RECLAMAÇÕES: Sobre trabalhos gráficos só serão aceites no prazo máximo de 48 horas, depois da entrega dos mesmos.
PAGAMENTO: É feito após a entrega dos trabalhos, salvo condições especiais, já estabelecidas, sem desconto algum.

Brazilia, em 14.2.1973

Muito prezado Amigo Sr. Bernardo Ferrão,

Foi com grande satisfação que recebi ontem
na minha conta de P.O. comente acompanhada
de duas interessantíssimas publicações. Foi - che-
rmente e muito grato por mais esta grande
gentileza que se me dá muitas que lhe devo.

Desejo felicita-lo pelo magnífico estudo
sobre a "causa imperial" dos Ilhaenses de
Cadaval, comentários sobre a actua da
extraordinária peça.

O catálogo da Exposição de Cerâmica
Portuguesa tem para nós brasileiros, muito
muito especial dada a divulgação, entre nós,
de peças dessa arte, principalmente de vasos
e estatuas de jardim, e das famosas telhas,
em geral da Fábrica de S. Antonio.

Recebi convite para a próxima Exposição
de Nazaré e farei todo o esforço em
comparecer ou, ao menos, poder enviar
alguma comunicação.

Muito me interessei pela recente publicação sobre "Palácios Portugueses". A quem posso me dirigir para adquiri-la?

É para mim motivo de especial satisfação poder oferecer - é o catálogo "Memória da Independência - 1808/1825" que aqui lhe envio. (recolido em mãos)

Quanto ao livro do Braucaute, inteiramente esgotado, acabo de escrever a um bom livreiro do Rio que provavelmente se dirigirá diretamente a V. Excia. caso venha a adquirir aquela obra.

Na esperança de ter em boas ocasiões de conhecê-lo pessoalmente, envio-lhe renovados afadecimentos e protestos de sincera admiração e amizade.

João Mendes

Agradecido pelo seu 1/3/73, pelo pedido em 2 vols. de "Palácios Portugueses" por barco e pedida colaboração p.º o "Nobiliário Português"

com os melhores cumprimentos

o Arthur de Sandão

Da ASSOCIAÇÃO DOS JORNALISTAS E HOMENS DE LETRAS DO PORTO

a produzir a seguinte do texto do
opereado da "Cinema Imprensa"

que trata a realidade de vida
de deuses

Pat. 2/1. $\frac{12}{11}$

72

- Telepneuma de 23/5/73 de Lisboa

A cama imperial foi adquirida em
~ 1953 à Omefa, de Lisboa, pelo Sr. Augusto
de Almeida, catado como Sr. D. Maria da Gra-
ça Henriques Ribeiro Jardim Almeida (enfer-
meira Graça Valença). Vieram-na e ato-
ram-na 10 anos e por razões económicas
e ida para um andar venderam-na
ao Arquipélago de São João à praça.

No Cadavari estava encastada e
foi a amada como era para os membros
da família por quem tinha sido mo-
rta, dada a decoração com canoas, cho-
rautos, existência de candelários e leito
do ébano (?). É Sr. Maria das Lágrimas!

Sr. Tancos e Tancos,
Foi com prazer que citei o Trabalho de V. Ex^{ta}
relativo a uma "ensaio - periodico" dos banqueiros de Ca-
daval neste meu antigo relatório ao nobre
rio e indumentária do séc XVIII, que seim no
suplemento letros e Artes do número de No.
vidades que envio a V. Ex^{ta}

Luís Filipe Farinha Franco

Apudado
em 1/12/73
J

Muito felicitos V. Ex^{ta} por este trabalho com
fala de mais que tem realizado, sobretudo
pelos de arte rich - portuguesa.

Vila de S. João

Tel. 247 25 67

MURTAL-S. PEDRO DO ESTORIL

O MOBILIÁRIO E O TRAJO NUM TESTAMENTO DO SÉCULO XVI

«Item manda mais elle testador, que se dê huma cama: scilicet: hum bom colchão, e dois lanções, e hum travesseiro, e hum cobertor, ou manta (1), e isto como se achar no falecimento de sua mulher que ella tiver em sua casa, a qual cama se dará à Casa da Misericórdia, se a houver na dita villa (2) e se a não houver, se dará então a dita cama ao hospital da dita villa (3). Item mais disse elle testador que lhe vistão cinco povres os mais necessitados (sic) que houver na dita villa, de panno de Alcobaga bom (4). Scilicet: se forem mulheres de sayas (5), e saynhos (6), e se forem homens de jaquetas boas (7), e calças bragas (8)».

Este excerto de testamento contém-se no Tombo dos Bens da Confraria do Santissimo Sacramento da Igreja de Nossa Senhora da Assunção da Vila de Cascais, fls. 58, v.º, 59; a este Tombo já eu dediquei algumas linhas in *Novidades, Letras e Artes*, 7 de Outubro de 1973; e o Tombo dos Bens da Confraria do Santissimo Sacramento da Igreja de Nossa Senhora da Assunção da Vila de Cascais — ideário para uma análise.

NOTAS

(1) A propósito do sentido da palavra «cama» neste excerto de testamento devo lembrar, com Bernardino Ferrão de Tavares e Távora que «ainda no séc. XVIII o vocabulário «cama» não tinha a accepção que hoje, comumente, lhe damos, pois se referia, duma forma geral, à colchoaria, roupas e mesmo ao conjunto de paramentos com que se adornavam, e até revestiam os móveis de descanso nocturno.

Os suportes (a que hoje chamamos camas) eram designados por leitos, catres ou barras (A propósito de uma «cama imperia» dos Mar-

queses de Cadaval, Revista *Gil Vicente*, 2ª série, vol. XXIII, n.º II-12, 1972; separata, pág. 21).

Nos finais do séc. XV dispunha-se no Compromisso do Hospital das Caldas, Cap. IV («Das Camas, Vestidos, e Couzas que haverá no ditto Hospital para serviço dos Enfermos») transcrita por Jorge de São Paulo, *História da Rainha Dona Leonor e do Hospital das Caldas*, II parte, cap. XVIII, 1.ª ed., 1928:

«Queremos e mandamos haja no ditto Hospital cem camas de roupa; secenta seriam para os enfermos, vinte servirão com pessoas honradas, e com Religiosos, e as outras vinte servirão com os Peregrinos, e servidores escravos da Casa». Das primeiras secenta camas teria «quada hã hum enxergão de palha; hum almadrage de trescheo de lam, e um colchão de linha avincado isso mesmo cheo de lam, e hum cabeçal de trescheo de pera e hã almofada, tudo enfronhado, e meya duzia de lençóis de linho avincado e hum feltro que cubra esta roupa, e dous cobertores, hum de champristol branco, ou de panno semelhante e outro de cacheira ou Irlanda. As primeiras vinte teriam outras tantas pessas, salvo que os colchões e lençóis serão mais delgados, e assy toda a outra roupa melhor, e o cabeçal será enfronhado com sua almofada outro sy enfronhada». Cada «cama de roupa das vinte restantes teria hum almadrage de lam e hum cabeçal de penna, quatro lençóis de estopa e hã manta da terra».

Digo ainda que a expressão «hã cama de roupa» aparece com frequência, v. g., no Testamento de Simão Vaz de Camões 1571, publicado na Revista *Biblos*, por Eugénio de Castro em 1932. Há separata.

A confirmação Tavares e Távora nas linhas que transcrevi supra há ainda muitos elementos em *Materiais para a História da Vida Urbana Portuguesa — o mobiliário, o vestuário e a sumptuosidade nos séculos XVI*

a XVIII publicados por Tomás Pires no *Boletim da Sociedade de Geografia*, Vol. XVI, págs. 703-311. Ai surge «cama», a par de «catre», e de «leito», mas sempre com o sentido que lhe atribui Tavares e Távora. (v. supra), v. g., «...hã cama de rede lavrada e outra de rede», 1593; «Huma cama de ollamda branca lavrada de pomtinhãs», 1601; «Huma cama de tafeta vermelho», 1608;



Eng.º Rogério Martins

«TEMPO IMPERFEITO»

pele ENG. ROGÉRIO MARTINS

O sr. Eng. Rogério Martins reuniu agora em volume dezanove alocações ou «textos» com que comunicou com o público na parte final «da sua» passagem pelo cargo de secretário de Estado da Indústria, exactamente desde o último que apareceu em «Caminho de País Novo», de meados de 1970, até à minha saída do Governo em meados de Agosto de 1972. Em adenda acrescento alguns textos conexos.

Na designação de «textos», o Eng. Rogério Martins inclui discursos de circunstância, alocações com directivas que lhe pareciam de seguir em determinadas ocasiões históricas no sector público que lhe estava confiado na administração. E já eram conhecidos, em resumos ou na integra, divulgados pelos órgãos de informação, em notas de reportagem, mas a sua resurreição em colecção cronológica melhor deixa compreender a linha de rumo da acção do ilustre autor. Por isso, a terá

coleccionado e dado à estampa agora em elegante volume de quase duzentas páginas.

É o que exprime no Prefácio o Eng. Rogério Martins: «No campo específico que me estava incumbido, e dadas as circunstâncias da acção governativa em Portugal, pareceu-me que a dinamização da nossa vida industrial passava por um certo número de orientações directrizes, a saber: a) a reforma dos serviços da Secretaria de Estado, tornando-os instrumento pronto e eficaz da acção impulsionante do Governo e do diálogo com os particulares, no mesmo tempo que capazes de oferecer carreiras interessantes na competição crescente com as carreiras privadas; b) o novo enquadramento legal em que se movesse a actividade industrial, em que o condicionamento restritivo fosse substituído pela

promoção selectiva, e se abrisse liberalmente o caminho de acesso ao exercício da indústria, sugerindo aos empresários uma metodologia realista de opção e instituindo um conjunto de meios que tornassem eficaz a ajuda a dar-lhes, a todos os níveis; c) a aproximação com as economias estrangeiras, na perspectiva industrial, indo desde o estabelecimento de comissões bilaterais de cooperação ao nível governamental até ao acolhimento do investidor estrangeiro idóneo e progressivo, desde o apadrinhamento de associações e «joint-ventures» entre empresários nossos e alheios até à insistência para que os nossos se lancem à conquista dos alheios mercados e para tal competitivamente se preparem; d) a renovação da equipa de

(Continua na 4.ª página).

«Huma cama de alcatisas de seda e prata», 1613; «Huma cama de raxeta verde», idem; «Huma cama de alcatisas de seda a saber de sobreceço e duas alcatisas de seda e ouro para os pés e adienteras de damasco carmezim, hum panno de bofete do mesmo com franja dourado», 1634; «...hum leito de pau ferro com sua cama (no Bol. da Sociedade de Geografia, cit., lê-se «cama») de sarafina inteira», 1684; «...quatro camas com fronhas e almadrage, guarnecidas de rendas...», idem; «Huma cama bordada da China de três cortinas, docé e rodapé», 1709... e leito em que durmo... e a cama que me serve nelle», 1744; «...hã cama imperial que se compõe (no Bol. cit. lê-se «compõem») de quatro cortinas, hum espaldar, taboa de cabeceira, sobreceço, saneffas interiores, e eisteriores, rodapees, as saneffas guarnecidas de franjas em cetos de requinte, hum enchergão e dois colchoims», 1751. V. item Tavares e Távora, op. cit., sobretudo pg. 21-23, e o apêndice documental; sirvo-me de Separata, cit.

(2) O testamento em que se inclui este excerto está datado de 1550, 4 de Março. A Misericórdia apenas seria fundada em Cascais no dia 11 de Junho do ano seguinte. (V. Ferreira de Andrade, *Cascais — Vila de Corte — Oito Séculos de História*, 1964, pág. 106).

(3) Em Cascais, anterior à Misericórdia era o Hospital dos Mareantes Pescadores. Por provisão de Filipe I, de 28 de Janeiro de 1587, os seus bens foram anexados ao novo hospital — o da Misericórdia. (V. Ferreira de Andrade, op. cit., pág. cit.).

(4) Não consegui referência alguma a «pano de Alcobaga bom», como recomenda o testador — lembro que estamos em 1550. Pelo contrário, na *Farsa dos Almocreves*, escrita em 1527 (V. António José Saraiva, *História da Literatura Portuguesa*, 5.ª Ed., pág. 182) Gil Vicente faz alusão aos panos de Alcobaga, levando-nos a supor que seriam de fraca qualidade. As estrofes que para aqui interessam são ditas, em um satírico, pelo capelão de um fidalgo de muito pouca renda, mas que «usa-va muito estado»:

«E logo dahi a hum anno
Pera ajuda de cazar
Hua orfam mandaste dar
Meio covado de panno
de Alcobaga por tosar»; e adiante:

«Trazéis seis moços de pé
E acrescentai-os a capa
Como a rei, e por mercê
Não tendo as terras do Papa
Nem os tractos da Guiné
Antes vossa renda encurte
Como o panno d'Alcobaga».

Estas mesmas estrofes foram já realçadas por Manoel Vieira Natividade de ressurgimento e apuradas sobre a indústria e a agricultura págs. 59-60.

No séc. XVIII (1733) escrevia o pároco de Alcobaga: «Na dita Villa (Alcobaga) ha duas feyras não tranquas, e cada huma dellas dura o seu mercado dois dias, huma em dia de Sam Bernardo vinte de Agosto, e a outra em dia de Sancto André trinta de Novembro de consumo de fazendas secas ordinarias, e com outras

mercancias que a ellas concorrem...», *Memórias Paroquiais*, Tomo II, fls. 35, na Torre do Tombo.

Mais adiante, escreve o mesmo pároco: «... exceptuando algumas poucas pessoas de sua nobreza e que possuem mediannos bens... outras que maneão algum género de negocio e maneio (sic) todas as mais sam pobres, e vivem de esmollas, e do seu trabalho...», *Mem. Faroq.*, cit. fl. 37.

Houve, contudo, na segunda parte do séc. XVIII e no séc. XIX, tentativas de ressurgimento e apuramento da lençaria, das «ambralias das fazendas brancas, dos tecidos e algodões», (V. Manoel V. Natividade, op. cit., págs. 61, 62) indústria que, tendo ainda alguma importância no séc. XVI — como nos mostra a citação de Gil Vicente (V. supra) — em meados do séc. XVIII pouco representaria para a vida sócio-económica de Alcobaga, como atestam as *Memórias Paroquiais* (V. supra).

(5) O substantivo «saias» aparece já no português arcaico como elemento de indumentária masculina e feminina, indistintamente. Como elemento de indumentária feminina aparece, v. g., na *Cantiga de Garvaia*, do final do séc. XII, *Canc. da Ajuda*, 38; numa pastorela do séc. XII, de Johamm Oyamam de Santiago, 554 do *Canc. Vaticano*; 916 do *Canc. da Biblioteca Nacional*; Nunes, *Cant de Amigo*, CCLXXX, *Crestomatta*, 3.ª Ed., 1943, pág. 334; in *Crónica dos Frades Menores* (1209-1285), I, pág. 367, sirvo-me da Ed. de Nunes, Coimbra, 1918; e muitos mais exemplos poderia dar.

Mas na indumentária que Santo Abdão («Andon») levava de romaria a Santiago de Compostela estava incluída «huma sayas», Os milagres de Santiago, version gallega del siglo XIV, ed. de López — Ayállo, Valladolid, 1918, pág. 53. Embora com alterações, foi peça de indumentária que perdurou por toda a Idade Média e Idade Moderna.

Por exemplo, no Compromisso do Hospital das Caldas, cap. V («Dos Vestidos e Cauzas necessarias para os Enfermos»), transcrição cit., op. cit., determinava-se que sempre houvesse naquelle Hospital «cinquenta sayas», sem contudo, especificar se para homens, se para mulheres.

Mas é no séc. XVI que se determina entre saia — elemento de indumentária masculina, e saia, da indumentária feminina. Por exemplo, dentre as peças que Afonso de Albuquerque, pouco antes de morrer (1515) mandou que lhe vestissem e calçassem, conta-se um «saio de damasco preto» (V. Gaspar Correia, *Lendas da Índia*, Livro II, Tomo II, cap. LIV).

No *Inventário do Guarda Roupa de El Rei Dom Manuel* publicado por Brancamp Freire (*Arquivo Histórico Português*, II, págs. 380-418) são citados muitos exemplos de saias, sem se dizer que algum é de mulher; aparece mesmo «um saio alemão de pano preto debruado de veludo preto e as diantelhas guarnecidas de tafeta preto que foy de Yoam Portes».

Também Gil Vicente dá saia como peça de indumentária feminina, e saio como peça de indumentária masculina: «É essa a tua saia nova?», «Viste já o meu saio pardo?», duas perguntas de Joane a «Caterina», *Auto Pastoril Português*, escrito em 1524 (V. Saraiva, op. cit., ed.



Livraria Editora Pax, Lda.

EDITORIAL - LIVRARIA - PAPELARIA - TIPOGRAFIA - ENCADERNAÇÃO

RUA DO SOUTO, 73-77 - TELEF. PPC 22604 - BRAGA - PORTUGAL

Braga, 25 de Fevereiro de 1973

Exmo. Senhor

Eng^o Bernardo Ferrão de Tavares e Távora

Rua da Senhora da Hora, 24

Foz do Douro

Exmo. Senhor:

Em complemento do nosso telefonema do pretérito mês, cumpre-nos informar V.Ex^a de que ainda não recebemos os exs. da separata "A propósito duma cama imperial dos Marqueses de Cadaval".

Como se torna urgente e necessário fazer a remessa dos mesmos exemplares para a Biblioteca Nacional, agradecemos todas as diligências no sentido daqueles nos serem presentes.

Com os nossos melhores cumprimentos,

Pela Livraria Editora Pax, Lda.

Acabou-se por espaço -
ou porque seccal de tipo
papel, perdido.



Livraria Editora Pax, Lda.

EDITORIAL - LIVRARIA - PAPELARIA - TIPOGRAFIA - ENCADERNAÇÃO
RUA DO SOUTO, 73-77 - TELEF. PPC 22604 - BRAGA - PORTUGAL

Braga, 25 de Janeiro de 1973

Exmo. Senhor

Eng^o Bernardo Ferrão de Tavares e Távora

Rua da Senhora da Hora, 24

Foz do Douro

Exmo. Senhor:

Como até à data não recebemos os 15 exs. da separata "A propósito duma cama imperial dos Marqueses de Cadaval", vimos solicitar a V.Ex^a que o faça o mais urgentemente possível, dado que têm de dar entrada devidamente rubricados e assinados no Depósito Legal da Biblioteca Nacional, nos primeiros dias de Fevereiro.

Agradecendo a melhor atenção para o que expomos, subscrevemo-nos com elevada consideração e estima,

De V.Ex^a

Muito atentamente,

Pela Livraria Editora Pax, Lda.

UNIVERSITY of PENNSYLVANIA

PHILADELPHIA 19104

Box 272, RD1, Glenmoore, Penna. 19343
16 de Janeiro de 1973

The College

DEPARTMENT OF ART HISTORY
G-29 FINE ARTS BUILDING

Exmº Sr. Eng. Bernardo Ferrão
Rua Senhora da Luz, 24
Foz do Douro, Porto, Portugal

CAMAS IMPERIAIS

Meu querido Amigo,

Muito obrigado pela sua carta de 27 de Dezembro de 1972, que me chegou com bastante atraso. Alegrou-me sabê-lo de saúde reestabelecida e com novos trabalhos de história da arte, um dos quais teve a gentileza de me enviar. Agradecendo esta preciosa oferta, quero também expressar-lhe a minha profunda gratidão pelas tão generosas palavras a respeito do meu livro beneditino, Frei José de Santo António Vilaça, que teve a paciência de ler, como poucas outras pessoas. Estou encantado de saber que gostou dele, que o achou útil, bem escrito e bem ilustrado. Confesso que a publicação do livro foi para mim uma luta tão grande e que me deu tanto desapontamento que não estou mais capaz de julgar se a obra chega à altura "dos peritos de Lisboa". Continuo porém lutando para que o livro de André Soares e a segunda edição (patroncinada pela Câmara) de Nasoni ainda "vejam neste ano a luz do dia", como nós costumamos dizer. E também os meus dois livros que ficaram com editores no Brasil.

Estando agora reformado, disponho de mais tempo para pesquisar. Mas com os anos que tenho, mais me apetece trabalhar nas vinhas de cá. De modo que estou fazendo um longo estudo de um ebenista de Filadélfia chamado António Gabriel Quervelle, cujas datas (1789-1856) lhe mostram o período em questão. Aí está o grande interesse deste assunto para mim, porque o nobre mobiliário desta época do estilo Império neste país só agora começa a ser estudado com cuidado minucioso.

Depois de fazer umas conferências nos estados de Texas e Louisiana, vou novamente para a nossa Maia, na altura de 20 de Março vindouro, onde pretendo ficar até a inauguração do Congresso em Braga, no qual terei imenso gosto de o rever depois de tantos anos, se não tiver este prazer antes no Porto. Já li com imenso prazer as provas do seu belo artigo para o número especial de Apollo.

A respeito da Cama Imperial dos Cadavais achei magníficas a análise e descrição técnicas dela. Creio que o termo "imperial", que no século XVIII significava uma cama com o dossel apenas por cima da cabeceira, era utilizado em Quinhentos e na primeira metade do século XVII para uma cama ou carruagem tendo uma espécie de cúpula no seu "ceu". Assim diz Henry Havard no seu dicionário e esta foi a interpretação que segui quando publiquei o desenho da grande cama de acerca de 1700 que encontrei no arquivo de Siena.

Com um grande abraço e renovados agradecimentos,

Robert R. Lu. v. h.



Livraria Editora Pax, Lda.

EDITORIAL - LIVRARIA - PAPELARIA - TIPOGRAFIA - ENCADERNAÇÃO

RUA DO SOUTO, 73-77 - TELEF. PPC 22604 - BRAGA - PORTUGAL

Braga, 8 de Janeiro de 1973

Exmo. Senhor

Eng^o Bernardo Ferrão de Tavares e Távora

Rua da Senhora da Luz, 24

Foz do Douro

*Recebido
& assinado
di 15
Bernardo Ferrão
10/1/78*

Exmo. Senhor:

Em correio separado fizemos seguir 15 exemplares da separata de que é Autor, "A propósito duma cama imperial dos Marqueses de Cadaval".

Estes mesmos exemplares foram-nos devolvidos pelo Depósito Legal da Biblioteca Nacional por não se acharem em conformidade.

Assim e conforme nos foi solicitado agradecemos que V.Ex^a numere e rubrique os opúsculos em causa de modo a que os possamos reenviar o mais rapidamente possível para aquele organismo.

Digne-se V.Ex^a aceitar os nossos melhores cumprimentos de alta consideração,

Pela Livraria Editora Pax, Lda.

Beauty

1

DO AUTOR:

"Perfis-tipo e dimensionamento de suportes e revestimentos de alvenaria"

Edições Lopes da Silva - Porto, 1945.

"Edificações urbanas; Urbanização"

(colectânea de legislação geral e de posturas camarárias de Lisboa, Porto e Coimbra).

Livraria Lopes da Silva, Editora - Porto

1ª. Edição: 1944; 2ª. Edição: 1947.

"Legislação geral de construção civil e obras públicas"

(2 volumes, em folhas avulsas para actualização)

Livraria Lopes da Silva, Editora - Porto s/d.

"Empreitadas e fornecimentos de obras públicas"

(Legislação geral anotada)

Edições Lopes da Silva - Porto, 1945.

"A impermeabilização do túnel urbano da "Estrada Marginal ao Douro", no Porto - Elementos do seu estudo"

(comunicação apresentada ao 2º Congresso Nacional de Engenharia)

Porto, 1948.

Notas sobre a arte indo-portuguesa

publicadas na revista "COLÓQUIO":

1- Cinco imagens indo-portuguesas de Virgens "em majestade".

Nº. 43, de Abril de 1967

2- Uma camilha de Menino Jesus, indo-portuguesa, da época de D. Pedro II

Nº. 45, de Outubro de 1967

3- Uma "Árvore de Jessé" de marfim, do séc. XVII

Nº. 48, de Abril de 1968

4- Uma imagem seiscentista da Imaculada Conceição, do tipo "Tota Pulchra"

Nº. 52, de Fevereiro de 1969

5- A arte indo-portuguesa na "Exposição de ambientes portugueses dos sécs. XVI a XIX" realizada no Porto.

Nº. 57, de Fevereiro de 1970.

Imaginária de marfim indo, cingalo, sino e nipo-portuguesa

Artigo publicado na revista "MVSEV", 2ª. série, nº.11, 1967-1969 (com separata).

Imaginária indo-portuguesa de marfim

Artigo publicado na revista "PANORAMA", nº. 32/IV série, de Dezembro de 1969

Imaginária de marfim luso-oriental nas colecções do Porto

Conferência integrada no ciclo de estudos comemorativos do V centenário do nascimento de Vasco da Gama e publicada na colectânea "O Porto e os descobrimentos", Porto, 1972 (com separata).

Artigos publicados na revista "GIL VICENTE":

Uma rara placa de marfim cingalo-portuguesa de motivo alegórico

Nºs. 7-8 do vol. XXII, 2ª. série, Julho-Agosto de 1971 (com separata).

Um tríptico seiscentista sino-português, de marfim

Nºs. 5-6 do vol. XXIII, 2ª. série, Maio-Junho de 1972 (com separata).

A propósito duma "cama imperial" dos Marqueses do Cadaval

Nºs. 9-10 do vol. XXIII, 2ª. série, Setembro-Outubro de 1972 (com separata).

Catálogos:

"Exposição de ambientes portugueses dos sécs. XVI a XIX"

Museu Nacional de Soares dos Reis, Porto, 24 de Maio a 15 de Junho de 1969 (edição vulgar e especial e Roteiro)

"Exposição de ourivesaria"

"Maio florido", Porto, 1964 (de colaboração).

"Exposição de cerâmica das fábricas de distrito - Duzentos anos de labor artístico"

Antigos Paços do Concelho, Viana do Castelo, 20-12-1970 a 10-1-1971

A publicar:

"Portuguese faience of the eighteenth century"

(artigo para o número especial do "APOLLO magazine", de Londres, dedicado à arte portuguesa do séc. XVIII)

"Mobiliário português"

(artigo para a enciclopédia "Arti decorative" de Fratelli-Fabbri Editori,
de Milão)

"Bons-pastores indo-portugueses de marfim"

A PROPÓSITO DUMA "CAMA IMPERIAL" ~~ESCIPTISTA~~

DOS MARQUESES DO CADAVAL

Por alturas de 1963., na minha "idade de ouro" da caça de antiguidades pela província, muitas tardes de Domingo dediquei a acompanhar à Póvoa de Varzim, na visita aos bricabraques, um conhecido antiquário do Porto, velho amigo de sempre, a quem me ligam lógicos laços de afinidades venatórias noutro campo (o das codornizes e narcejas) e menos lógicos, mas comumente mais fortes, cimentados no diferente feitio e maneira de ser.

Não que eu fosse um perito na matéria, mas o meu amigo gostava de trocar impressões sobre as peças que poderiam, pessoal ou comercialmente, interessar-lhe e, para mim, era agradável, além da sua óptima companhia, descobrir e admirar as raridades que nem sempre podia adquirir, auscultar as cotações do mercado e apreciar os passes argutos e habilidosos e a dialética sibilina de dois antiquários esgrimindo na defesa dos interesses comerciais respectivos.

Numa dessas visitas e no desarrumado armazém do então mais notável, quanto mais extravagante, fornecedor dos mercados ^{do} Norte (e até do Sul), o seu velho fâmullo, de duvidosos ademanes, fez incidir a nossa atenção sobre um leito de ébano recamado de prata que o patrão lograra arrancar, por via de trocas, a uma das mais antigas ^{conhecidas} ~~er~~agências de leilões lisboeta, que o retirara de praça recente, por nela não ultrapassar poucas dezenas de contos.

Não sei qual o sentir do meu amigo perante a peça, mas eu fiquei siderado: por fértil que fosse de imaginação, nunca supuzera que, em dias da minha vida, pudesse deparar-se-me à venda qualquer das "camas imperiais" (como era aquela) de que tinha conhecimento puramente bibliográfico. Para mais, no meu sub-consciente, a sua forma e decoração lembravam-me algo de já visto ou descrito. Por isso, verificada a antiguidade inegável do traste, aconselhei ao meu amigo, um tanto preplexo pelo montante, então elevado, do seu preço, a imediata reserva da cama e a sua aquisição, que fez, não me recordo já, se no mesmo dia ou num dos seguintes.

A peça veio para o Porto e logo facilmente a identifiquei como sendo a que pertencera à Senhora Marquesa do Cadaval e Reynaldo dos Santos já havia reproduzido (1).

...posta à venda no estabelecimento do meu amigo, nele jazeti, ingloriamente, ...anos, vista por dezenas de peritos e centenas de curiosos e coleccionadores, oferecida a museus, palácios nacionais, fundações e a compradores endinheirados. Nunca logrou interessá-los, mau grado ter preço inicial perfeitamente compatível com a sua raridade e riqueza e nem sequer mereceu a graça, do arrolamento pelas entidades responsáveis pela defesa do nosso património artístico (e pessoalmente posso assegurar que algumas não desconheciam a sua existência). Isto num país em que tal tem sucedido aos mais incríveis e dispareos objectos de época, raridade e valor ultra-duvidosos, que as laudas do "Diário do Governo" desplacientemente promovem ao interesse público, não raro com descrição e justificação perfeitamente pitorescas, para não dizer anedóticas !

Em 1967, quando me coube o honroso encargo de encabeçar a Comissão Executiva da "Exposição de interiores portugueses dos sécs. XVI a XIX" realizada, dois anos depois, no Museu Nacional de Soares dos Reis, projectei a sua inclusão, destacada, na "Câmara de aparato do séc. XVII", onde se poderia mostrar em toda a sua deslumbrante presença, pela grandesa de dimensões, riqueza de materiais e requinte de tratamento estético no desenho, na obra de marcenaria e na de ourives.

Não sem certa surpresa e com natural apreensão, tomou a dita Comissão Executiva conhecimento em 1969, pela boca do proprietário do movel e membro da mesma, que uma das mais conhecidas agências de leilões de obras de arte de Londres se interessara, entretanto, pela venda da cama por preço convidativo e esta, já devidamente embalada, estava pronta a ser despachada com tal destino.

Nunca mais se voltou a falar dela e sobre o caso desceit o pesado véu do silêncio que costuma envolver, púdica mas pouco

1)-Reynaldo dos Santos e Diogo Macedo: "História da arte em Portugal" - Porto, 1953, Vol.III, Fig.451.

A peça veio para o Porto e logo facilmente a identifiquei como sendo a que pertencera à Senhora Marquesa do Cadaval e Reynaldo dos Santos já havia reproduzido (1).

Exibida na secção de antiquários da ^{primeira} ~~segunda~~ "Exposição de arte ornamental de Braga", realizada em 1965. ~~Exposta à venda no est. belgas, meu amigo, nele, jazem milhares de peças, viam-se dezenas de paritos e centenas de curiosos e coleccionadores, oferecida a museus, palácios nacionais, fundações e a compradores endinheirados. Nunca logrou interessá-los, mau grado ter preço inicial perfeitamente compatível com a sua raridade e riqueza e nem sequer mereceu a graça, do arrolamento pelas entidades responsáveis pela defesa do nosso património artístico (e pessoalmente posso assegurar que algumas não desconheciam a sua existência). Isto num país em que tal tem sucedido aos mais incríveis e dispares objectos de época, raridade e valor ultra-duvidosos, que as laudas do "Diário do Governo" desplacientemente promovem ao interesse público, não raro com descrição e justificação perfeitamente pitorescas, para não dizer anedóticas !~~

Em 1967, quando me coube o honroso encargo de encabeçar a Comissão Executiva da "Exposição de interiores portugueses dos sécs. XVI a XIX" realisada, dois anos depois, no Museu Nacional de Soares dos Reis, projectei a sua inclusão, destacada, na "Câmara de aparato do séc. XVII", onde se poderia mostrar em toda a sua deslumbrante presença, pela grandesa de dimensões, riqueza de materiais e requinte de tratamento estético no desenho, na obra de marcenaria e na de ourives.

Não sem certa surpresa e com natural apreensão, tomou a dita Comissão Executiva conhecimento em 1969, pela boca do proprietário do movel e membro da mesma, que uma das mais conhecidas agências de leilões de obras de arte de Londres se interessara, entretanto, pela venda da cama por preço convidativo e esta, já devidamente embalada, estava pronta a ser despachada com tal destino.

Nunca mais se voltou a falar dela e sobre o caso desceta o pesado véu do silêncio que costuma envolver, púdica mas pouco

1)-Reynaldo dos Santos e Diogo Macedo: "História da arte em Portugal" - Porto, 1953, Vol.III, Fig.451.

corajosamente, os assuntos em que os intervenientes se sentem constrangidos por pecado de acção ou omissão.

Eu próprio esquecera, entre a papelada, um artigo sobre a cama, destinado à série de notas sobre a arte indo-portuguesa que já publicando na revista "Colóquio", pois não tendo sido redigido com o propósito de levantar problemas estéticos e sociológicos postos no quadro histórico da dita arte pela existência e tipo do movel em causa, deixara, entretanto, de poder integrar-se dentro da nova orientação que foi dada àquela revista.

Entre o punhado de sangrentas mas corajosas verdades que, com tristeza, se lêem num folheto escrito por Artur^{ru} de Sandão sobre o destino inglório de peças fundamentais do nosso património artístico (2) saltou-me, porém, à vista a seguinte referência ao caso:

"A mesma confrangedora indiferença se verificou com a cama do século XVII que pertencera aos Marqueses de Cadaval... (movel) vendido, depois de sucessivas transações entre antiquários portugueses, para Londres, sem um gesto de interesse para o integrar em qualquer palácio nacional, sem um arrepio de mágoa pela perda desse exemplar único no seu hibridismo luso-indiano".

E pareceu-me indispensável aparecer mais alguém a protestar, com a força moral de certa actividade desenvolvida em tempo oportuno (embora inutilmente) para que se não desse o que se deu e, ao mesmo tempo, deixar em letra de forma e gravura, elementos que permitissem, aos interessados vindouros, tomar consciência de mais um, e não pouco importante, de tantos valores que vamos paulatina e alegremente perdendo a favor de estrangeiros, mais cultos e oportunos e menos ingénuos.

Dão pálida ideia do traste as reproduções em fotogravura dos quatro, aliás magníficos, clichés tirados pelo Prof. Robert C. Smith e gentilmente cedidos para ilustrarem este artigo. Convem, pois, proceder à sua descrição pormenorizada, com anterioridade ao comentário que merece, por muito fastidiosa que se afigure.

(2) - "Livros e colecções de arte" - Separata das "Notícias editoriais" da "Livraria Civilização" - Porto, 1970, págs.8-9.

Os materiais fundamentais do leito são: a madeira de ébano na sua estrutura básica constitutiva, e de ~~castanho~~ ^{jacarandá} nos ilhargueiros e travessões do "lastro"; a chapa de prata, cunhada ou repuchada e cinzelada, nos seus recobrimentos decorativos e, trabalhada, nos elementos vegetativos e florais das urnas e bilros; o latão, ou bronze dourado a azougue, nos anéis e argolas dividindo os troços das pernas, colunas do docel, balaústres do andar superior e elementos do pé, médios e de remate de urnas e bilros ascendentes (os descendentes são mesmo torneados só neste material), espelhos e cabeças dos parafusos das "quadras".

Como pode ver-se no aspecto de conjunto da Fig. 1, as quatro pernas da cama e as colunas do docel que as prolongam, são iguais entre si, poisam sobre pés facetados em octógono e são formadas por uma série de troços separados pelas peças de latão aludidas, rematando, acima do caixilho do docel, por urnas com ciprestes. Todas as peças, a partir do facetado dos pés, são torneadas em troncos de cone, elementos periformes, bolachas, anéis e elementos sucessivamente estrangulados e alongados, sendo pouco volumosos os esferoides que separam, ao nível do remate do espaldar, as pernas das colunas ("cabaços"). Os elementos salientes é que são, periféricamente, recamados a prata, em chapa repuxada, representando folhagens estilizadas, com as suas nervuras e recortes. Anote-se, desde já, a raridade do tipo de pés (cubos simples na maioria das camas coevas) e a pequena diferença de diâmetros dos torneados contíguos, salientes e reentrantes.

O espaldar (Fig. 2) tem forma de estrutura arquitectónica aporticada de seis vãos, com dois andares apenas, constituída por duas barras horizontais, elementos verticais (balaústres e pilastras) e remates decorativos (urnas com ramalhetes e bilros simples ou em forma de urna com colunelo).

A barra inferior (Fig. 2) é de secção rectangular, alteada nos vãos, entre grupos de balaústres, por elementos recortados que se elevam. Uma e outros são recobertos, frontalmente, com chapas de prata trabalhadas em repuchado e pregadas com "balmásios" do mesmo material. O recobrimento dos ditos elementos (Fig. 3) é praticamente total, enquanto que o da barra p.d. não atinge as suas arestas

(deixando ver duas tiras de ébano) e formado por uma tira de chapas de altura uniforme e comprimentos diferentes, alternantes (Fig.2) correspondendo às distâncias entre balaústres e separadas, na sua prumada, por pseudo-columelos de latão facetados, com estrangulamentos. Na Fig.3 pode ver-se esta disposição e, ainda, o tipo da decoração das chapas de prata, dum barrôco vegetalista e farfalhudo, simètricamente disposta em relação ao eixo médio vertical; nas chapas de menor comprimento, hastes encurvadas de tulipas abraçadas por anel de perlados; nas chapas maiores, mascarões vegetalistas donde saem, lateralmente, ramos, em voluta, de anémons e tulipas; nos elementos recortados, uma cartela ovoide central e preenchimento de ramagens espiraladas, em curva e contra-curva e festão inferior com extremidades florais nos pendentés.

A barra superior (Fig.2) é mais larga que a inferior e recortada por baixo e por cima. Inferiormente os recortes correspondem aos vãos entre balaústres e têm a forma de arcos canopiais rebaixados, de caracter mogol. Os recortes superiores são incompletos (com vasados) e formados por elementos curvilíneos justapostos tocando-se tangencialmente, de altura quâse igual, e formando grupos com eixos de simetria nas prumadas dos meios dos vãos e das pilastras. O recobrimento de chaparia de prata forma três faixas: uma central, em tira de rectângulos contíguos iguais aos da barra inferior; outra inferior correspondendo às consolas sobre os grupos de suportes verticais; outra superior cobrindo os recortes de remate. A decoração da segunda (Fig.3) é, em cada elemento, constituída por um mascarão central vegetalista, ladeado por hastes encurvadas de anémons e de tulipas em botão. Na decoração da faixa dos recortes cimeiros existem mascarões nas peças mais fortes e ramos de folhagem encurvada nas restantes, com disposição lateral simétrica.

Os elementos verticais (Fig.2) são de dois tipos: balaústres torneados e pilastras de secção rectangular, agrupados três a três em cada andar e na mesma prumada, de forma que cada uma das pilastras é ladeada por dois balaústres. No andar inferior todas estas peças são de madeira à vista, tendo as pilastras um almofadado e os balaústres torneado simples de estrangulamentos e saliências alter-

nantes e pouco vincados. No superior (Fig.3), os balaústres acompanham, como é de uso, e com a necessária redução, o torneado das colunas e a respectiva decoração de anilhas de latão e chaparia de prata. As pilastras correspondentes têm ligeiro galbo, estreitando no alto, e as bases, fustes e capiteis são demarcados por molduras lisas de latão. No recobrimento de prata mantêm-se os motivos de ramalhetes de botões de tulipas e ramos ondulantes de tulipas abertas, com folhagem enrolada.

Os bilros do espaldar são de três tipos. Os do primeiro (Fig.3) sobrepõem as saliências recortadas da barra inferior e têm forma de urna, constituída por dois elementos de ébano, com pé, anilha intercalar, gargalo e colunelo emergente, de latão; de prata são o remate deste, reproduzindo um botão floral semi-aberto, e a folhagem recortada que parcialmente recobre os bojos. Os do segundo tipo (Fig.3), pendendo dos fechos dos arcos, são simples e curtos colunelos de latão rematando em óvulo. Os do terceiro, alternando com os ramalhetes no remate do espaldar (Fig.4), apresentam constituição semelhante aos do segundo, mas a urna é ovoide e carece de revestimento de prata no bojo superior.

Quanto às urnas com ramalhetes (Figs.1 e 2), existem, também, três modelos, nos quais, aliás, as urnas p.d. são idênticas às dos bilros do primeiro tipo. No modelo que encima as colunas do docel e centra o alto do espaldar, o elemento vegetal simula um cipestre com as respectivas pinhas, trabalhado em arame de prata, tendo os frutos dourados. Nos modelos que rematam o dito espaldar, os ramalhetes são, alternadamente, esguios e alargados e, em ambos os casos, reproduzem com realismo, em magnífico lavor de prata branca com toques de ouro (Fig.4), folhas e flores de girassol (?) e de romanzeira e frutos abertos e fechados desta última planta.

Descrito o leito, vejamos o que se oferece apontar ácerca do seu estado de conservação, tipo estrutural, materiais constitutivos, ^{época,} decoração, proveniência, ~~época~~ e integração no tipo das denominadas "camas imperiais" de que há notícia.

Quanto ao estado actual verifica-se que são recentes os ilhargueiros e travessões de castanho do "lastro", que já não aparecem na citada fotografura do leito da "História da arte em Portugal" e, aliás, carecem das ~~características~~ ^{habituais} "furas" para encaixe dos elementos longitudinais e transversais onde assentava a colchoaria, e tão característicos nos leitos seiscentistas que permitem definir-lhes as dimensões devidas a alteração posterior, a qual, como se sabe, foi comum, quando a mecanização da tecelagem reduziu as larguras dos lençóis fabricados nos teares manuais. Da comparação da dita fotografia com a Fig.1 anexa, constata-se, ainda, as seguintes alterações: quatro das cinco urnas com cipestres de prata que encimavam o espaldar foram colocadas no topo das colunas do do-cel; mudou-se a alternância das urnas com ramalhetes esguios e alargados, mantendo-se o número existente daqueles e colocando-se mais quatro destes, que faltariam; as urnas dos ditos ramalhetes alargados, mais pequenas, passaram para os bilros das extremidades da barra inferior, que delas careciam, sendo substituídas por urnas maiores, iguais às ~~das~~ restantes da cimalha. Outras alterações fundamentais não se detectaram na análise directa do móvel.

Quanto à sua estrutura, desde logo se verifica enquadrar-se num dos tipos menos comuns da série dos nossos leitos seiscentistas, caracterizada pelo espaldar de dupla andada de balaústres, com duas barras horizontais trabalhadas e ausência de estruturas decorativas sobrepunhando a barra superior. Esta série abranje os seguintes tipos básicos, classificados a partir do ~~tipo~~ ^{modelo} dos seus torneados:

- 1 - Com torneados "em roca" (não salomónicos);
- 2 - Com torneados salomónicos:
 - 2.1 - De passo apertado;
 - 2.2 - De passo alongado:
 - 2.2.1 - De espiras encostadas;
 - 2.2.2 - De espí[?]as soltas.

Não estão os nossos leitos do séc.XVII (como aliás, nenhuns móveis nacionais) inventariados de forma a tornar-se possível uma sistematização e classificação que são essenciais a qualquer estudo,

e bem mereciam, pois começa, felizmente, a ser reconhecido por quantos se interessavam pela sumptuária, que, na sua época e no mundo, por nenhuns foram ultrapassados na beleza natural das madeiras, no requinte da obra de marcenaria, torno e decoração com talha, marfim ou aplicações metálicas e, sobretudo, pela nobresa e equilíbrio de formas e proporções.

É, pois, apenas a título exemplificativo e comparativo que, a seguir, se enumeram alguns protótipos dos referidos tipos básicos:

Tipo 1:

Tendo a barra de cima cheia e recortada superior e inferiormente: leito em estudo; leitos de D. Maria Júlia Ribeiro Nascimento (3), dos Condes de Margaride (Casa do Carmo, Guimarães) (4) e do autor (em pau santo africano), com ~~cabal~~ados verticais em ambas as barras, não tendo recortes a de baixo.

Tipo 2.1:

Tendo a barra superior transfurada e decorada com talha baixa e a inferior cheia, com idêntica talha e elementos recortados que se elevam, entre balaústres: leito do Palácio Nacional de Mafra (5).

Tipo 2.2.1:

Tendo as barras trabalhadas com as do móvel anterior: leito reproduzido na obra de Nogueira de Brito (6); tendo ambas as barras transfuradas e a inferior elementos recortados que se elevam: leito do Snr. Augusto Atayde (7); com barras análogas às do móvel antecedente, ressalvada a decoração da inferior, cujos transfurados são substituídos por talha baixa: leitos da Ex^{ca}. Snr^{ca}. D. Celeste Cabral (Évora) (8) e do Museu Victoria and Albert, de Londres (9).

Tipo 2.2.2:

Tendo a barra de cima em duplo trapézio, recortada superior e inferiormente, e a de baixo com elementos recortados que se elevam, sendo ambas cheias e decoradas com ~~cabal~~ados diagonais: leito do Palácio de La Granja (Espanha), que teria pertencido à princesa portuguesa D. Bárbara de Bragança, mulher de Fernando VI de Espanha (10).

Doutros leitos, pertencentes à mesma série, tenho conhecimento, nomeadamente o que se encontra num dos aposentos residenciais do segundo pavimento dos Paços dos Duques de Bragança, em Guimarães e os que são pertença dos coleccionadores do Porto Snrs. Eduardo Rangel Pamplona Silvano e José Maria Tenreiro Alves e do de Lisboa, Snr. Dr. João Gonçalo do Amaral Cabral (construído em sissó ou pau santo indiano).

Quanto aos materiais fundamentais constitutivos do leito em causa, o ébano, o latão (ou bronze) e a prata, apenas o segundo aparece, com alguma frequência, dourado, em anilhas e aplicações decorativas de placas arrendadas (com um ou outro motivo cinzelado de caracter barrôco) nas camas ricas, de pau santo, da época, placas em cujo desenho de entrelaços o Prof. Robert Smith encontra ressaibos néo-mouriscos (11) mas mais se nos afigura resultar da influência do das ferragens indo-portuguesas de cobre dourado.

-
- 3) - J.F. da Silva Nascimento: "Leitos e camilhas portuguesas" - Lisboa, 1935, Est. XXXI, Fig. 15.
 - 4) - Alfredo Guimarães: "Mobiliário artístico português - Guimarães" - Vila Nova de Gaia, 1935, Fig. 45.
 - 5) - J.F. da Silva Nascimento, obr. cit., Est. XLI, Fig. 27.
 - 6) - "O nosso mobiliário" ("Enciclopédia pela imagem") - Porto, s/d, Fig. na pág. 26.
 - 7) - J.F. da Silva Nascimento, obr. cit., Est. XLII, Fig. 28.
 - 8) - "Inventário artístico de Portugal - Concelho de Évora" - Lisboa, 1966, II Vol., Est. CCCLXXI.
 - 9) - Grace Hardendorff Burr: "Hispanic furniture" - Nova York, 1964, Fig. 85.
 - 10) - L. Feduchi: "Colecciones reales de España - El mueble" - Madrid, 1965, Est. 140.
 - 11) - "The art of Portugal - 1500-1800" - Londres, 1968, pág. 286.

Em Portugal o ébano e a prata eram materiais apenas utilizados em móveis de repouso excepcionais, de cuja riqueza e excelência só se conserva notícia escrita. Tais as camilhas que serviram nos batisados da filha primogénita de D. Pedro II e da rainha D. Maria Francisca Isabel de Saboia, e do futuro rei D. João V, em 1689 (12), e a "cama imperial" dos Távoras a que, adiante, aludiremos com mais pormenor

No que se refere à época provável do leito dos Cadavais, enquadra-se no dilema, ainda não inteiramente esclarecido, da anterioridade ou simultaneidade temporal do nosso mobiliário (dito, própria ou impròpriamente, "Filipino") com torneados "de roca", moldurados e apainelados lisos, embutidos de marfim ou aplicações metálicas, e nenhum, ou reduzido, trabalho de talha, e daquele que apresenta torneados salomónicos, moldurados e apainelados de tremidos e talha baixa de tipo indo-português ou saliente, de carácter metropolitano.

Os amadores e coleccionadores têm natural tendência para a simplificação, encaixando o grupo "Filipino" na primeira metade do século XVII, e o outro na segunda metade do mesmo século (sobretudo quando classificam leitos, armários, arcas, bufetes e contadores) no que são acompanhados por alguns autores. Silva Nascimento, por ex. (13), faz notar que, embora o Barroco tivesse feito a sua aparição no primeiro quartel de seiscentos, a sua

(12) - J.F. da Silva Nascimento, obr.cit., págs. 44-45.

A primeira camilha era de ébano, com pilares torneados e marchetados de prata, cabeceira adornada de coroas imperiais encaixilhadas em filetes de prata, flores, frutos, tarjas e laços do mesmo metal, que serviam de engaste a muitas pedras preciosas.

A segunda camilha, constituída por quatro balaústres de pau de ébano retorcidos, todos cobertos de folhagens de prata, em que estava uma rica "cama" de tela repassada de ouro e azul, com sebastos em roda e sanefas de outra tela mais levantada com penhascos de ouro e grandes franjões de ouro por guarnição.

(13) - Obr. cit., págs. 42-43.

influência, para o caso dos leitos, só se sentiu na segunda metade do século e, apenas, na decoração respectiva. Por isso, os classifica em dois grupos: o primeiro englobando os ditos "Filipinos", com estrutura ainda renascentistas ou já sofrendo de influência italiana na Península, que distribue do final do séc. XVI a meados do séc. XVII; e o segundo, dos que apresentam torneados portugueses, de estrangulamentos violentos, e espaldares em que alternam balaústres, com travessões de talha de carácter indo-português, evoluindo para a decoração de espírito **mais** europeu, complementada, mais tardiamente, com profusão de peças torneadas semelhante fusos e bilros ("camas de bilros"), leitos que distribue, um tanto arbitrariamente como se verifica pelas legendas das estampas, ao longo da ²segunda metade do séc. XVII e primeiro quartel do séc. XVIII.

Reynaldo dos Santos tem, "grosso modo", a mesma opinião e atribue o leito dos Cadavais do séc. XVII, acrescentando que o carácter da decoração do seu revestimento de prata é o da nossa ourivesaria barroca da segunda metade do século (14).

De facto, e parece muito importante salientá-lo, leitos já com espaldar nas cabeceiras, de balaústres e até sem estruturas sobrepujando a barra superior, aparecem em tábuas de primitivos portugueses dos fins do séc. XVI, tais como os que representam o Nascimento da Virgem e pertencem à Sé de Évora e à igreja de Azoia (15), e a Natividade de S. João Baptista, do convento de Santa Clara, do Funchal (16).

Por outro lado o Prof. Robert Smith (17) ensina-nos que a coluna torsa entrou no nosso país, importada de Itália, em 1671 e só na década de 1680/90 começaria a difundir-se na arquitectura portuguesa. Teremos de inferir que o nosso mobiliário

(14) - Obr. e vol. cit., págs. 380-381

(15) - M. Chicó - M. de Mendonça - F. de Pamplona - D. Peres: "História da arte em Portugal" - Porto, 1948, vol. II, pág. 435.

(16) - J. F. da Silva Nascimento, obr. cit., Est. I.

(17) - "A talha em Portugal" - Lisboa, 1962, pág. 70.

com elementos torneados em espiral deverá avançar no tempo, relativamente à classificação usual, passando a atribuir-se ao último quartel de seiscentos e primeiro de setecentos, nos reinados de D. Pedro II e D. João V. Não se esqueça, de resto, que dada a dificuldade de o colocar no tempo, haverá que lançar mão da sua similitude com o de igrejas e sacristias, datado, ou datável a partir dos respectivos contratos de encomenda, precedendo trabalhos de investigação documental como os que vem levando a efeito, infatigavelmente, o referido Prof. Smith (18). Por eles se verifica que móveis com carácter "Filipino" ainda se executavam no primeiro quartel do séc. XVIII e, por isso, não se poderá estranhar que embora a cama dos Cadavais tenha aspecto arcaizante pelo seu tipo de estrutura e torneados "em roca", seja dos finais de seiscentos ou princípios de setecentos, o que é confirmado pelo carácter do labor do seu guarnecimento de prata e, de alguma forma, pelo bom uso em que estava, em 1759, quando foi inventariada para sequestro (19).

Seguindo a ordem das considerações a fazer ácerca deste leito, há que tratar da respectiva decoração.

(18) - "Samuel Tibau and portuguese ivory inlaid furniture of the seventeenth century" - Coimbra, 1962, separata da "Revista da Universidade de Coimbra", vol. XXI.

"Agostinho Marques of Braga and his furniture in the portuguese national style" - "The Burlington Magazine" - Novembro, 1969.

(19) - O uso corrente de camas de bilros (e até de "Filipinas") na pequena e média burguezia e mesmo na classe popular, sobretudo a partir de meados do séc. XVII e até ao fim do terceiro quartel do séc. XVIII, infere-se da sua representação bastante corrente nas tábuas populares de "ex-votos". Eles são manancial a explorar para o estudo do mobiliário português no decorrer dos tempos, com o interesse de muitos estarem datados. Veja-se, como primeira tentativa desse estudo, a curiosa monografia do Prof. Robert Smith: "Pinturas de ex-votos existentes em Matosinhos e outros santuários portugueses" - Matosinhos, 1966.

Apenas insistiremos que, quanto às aplicações de latão ou bronze dourado, elas eram relativamente correntes nas camadas nacionais do tipo dito "Filipino", quer em argolas e anéis separando os elementos torneados, quer em chaparia transfurada ou cinzelada, enriquecendo os apainelados e estruturas, por vezes com profusão.

Quanto ao guarnecimento e elementos trabalhados em prata, já atrás se escreveu que apresentam todas as características do lavrado e motivação estilística do barroco metropolitano da segunda metade de seiscentos que, na prataria doméstica, se estendeu até aos princípios de setecentos: mascarões vegetalistas, pendentes, folhas de acanto, vergôntes ondulantes ou enrolando em espira, composições florais à base de tulipas, anémons ou rainúnculos, etc, em composições simétricas enchendo, profusamente, todos os espaços e encrespando num repuchado saliente, encontram-se com a maior frequência, por ex., nas nossas tão características salvas de pouco peso, autenticadas com os punções do final do séc.XVII e princípios do XVIII.

Em nenhuma das composições da chaparia de prata do leito, encontramos a obra de cinzel baixo; a figuração antropomórfica, zoomórfica ou exótica; a vegetação estilizada de raíes oriental; os ornatos concheados e palmetas; os arabescos repetindo-se e preenchendo totalmente, os espaços; os arrendados ou filigranados, enfim a técnica e a estilística dos lavrantes indo-portugueses, tão características que não escapam ao mais desprevenido amador (20).

(20) - João Couto: "Alguns subsídios para o estudo técnico das peças de ourivesaria no estilo denominado indo-português" (Comunicação ao I Congresso da história da expansão portuguesa no mundo) - Lisboa, 1938.

"A prataria indo-portuguesa - Elementos decorativos" - Separata da revista "Garcia da Orta", número especial de 1956
Reynaldo dos Santos: "A Índia portuguesa e as artes decorativas" - Separata do "Boletim da Academia de Belas-Artes", 2ª. Série, nº. 7, 1954.

E eis-nos frente ao dilema da classificação da cama: é puramente metropolitana ou indo-portuguêsa?

Reynaldo dos Santos na legenda da fotogravura respectiva (a que aludimos na nota (1) deste artigo) apresenta-a como "cama portuguesa do séc.XVII", nada acrescentando no texto que se lhe refere, de certa extensão e justificado destaque.

Artur Sandão, ao lastimar a sua venda para Londres, no final das laudas que atrás transcrevemos, vai mais longe, apontando o seu "hibridismo luso-indiano", hibridismo que se nos afigura, de facto, existir, tendo em vista: a natureza da madeira do leito, o ébano, tão aplicado na marcenaria e embutidos das peças indo-portuguesas; a prolixidade decorativa do marchetado de prata que o recobre; a evidente influência de formas da arquitectura indiana nos recortes da barra superior da cabeceira e dos elementos que, entre grupos de balaústres, se levantam da barra inferior (21); a "molesa" de aspecto de algumas das suas peças torneadas, flagrante no pouco contraste volumétrico dos troços com estrangulamentos e alargamentos alternantes.

(21) - Os recortes inferiores da barra alta formam, simultâneamente, sucessão de arcos cañopiais de sabor mogol, entre as tríades de balaústres, e de capiteis-consolas, sobre aquelas, que vamos encontrar, suportando arquitraves, nos templos rupestres de Ajantã e Aurangãbãd (veja-se por exemplo, as Figs. 189, 196, 207 e 276 da obra de J.R. Riviêre: "El arte de la India" - Madrid, 1934). O recorte das peças levantadas de barra baixa, entre as ditas tríades, têm, por outro lado, manifesta afinidade com a secção recta das cúpulas de remate das torres de faces curvilíneas (sikhara) dos templos indo-arianos do Norte da India (ver, na obra citada, a Fig. 324, por exemplo).

Simultâneamente, pelo que atrás se escreveu, constata-se que o ébano foi, também, utilizado em Portugal em alguns móveis de aparato e que é impossível atribuir ao revestimento de prata, dado o seu tipo de lavor e decoração, outra origem que não seja a metropolitana. Também a dita "moleza" e torneados aparece em muitas peças de camas, nacionais da época, sobretudo nos balaústres dos andares inferiores das cabeceiras, escondidos pela colchoaria e roupas.

Será, pois, o leito uma das faladas peças executadas no país por artezãos indianos "separados do seu meio social e tradição de casta" (22) ou por artífices portugueses trabalhando em Goa ou qualquer das cidades sujeitas ao nosso domínio, até Malaca (23) ? Não estamos, ainda, preparados para oferecer uma resposta concreta.

(22) - John Irwin: "Reflections on Indo-Portuguese Art" ; "Shorter Notices" da revista : "The Burlington Magazine" - Dezembro de 1955.

(23) - Marques Gomes e Joaquim de Vasconcelos: pág. 12 do texto do catálogo: "Exposição distrital de Aveiro em 1882" - Aveiro, 1883.

Finalmente, algumas considerações sobre duas "camadas imperiais" portuguesas e a integração da dos Cadavais nesse grupo, até agora só conhecido pela documentação escrita (24).

Convem lembrar que, a partir da alta Idade Média e ainda no séc.XVIII, o vocábulo "cama" não tinha a acepção que hoje, comumente, lhe damos, pois se referia, duma forma geral, à colchoaria, roupas e mesmo ao conjunto de paramentos com que se adornavam, e até revestiam, os moveis de descanso noturno.

Os suportes (a que hoje chamamos camas) eram designados por leitos, catres ou barras.

A "cama imperial" existente no palácio dos Duques de Aveiro é sucintamente descrita na rúbrica do seu inventário, citado na nota (24), da forma seguinte:

"Hua Cama Imperial de Damasco Cramezim e cor de ouro hum catre colxois enjergão travesseiras e suas pertensas"

e foi avaliada no montante de 219\$120 reis, quantia muito importante para a época e que permite inferir que as respectivas "pertensas" seriam de grande valor, já que o seu suporte era um simples catre.

A "cama imperial" da casa dos Marquezes de Távora era, porém, muito mais rica. A sua descrição pormenorizada consta de várias rúbricas do respectivo inventário que, por curiosidade, se transcrevem em anexo.

Não é fácil harmonizar a natureza, número, medidas e aplicação das várias peças que compunham a cama e o leito, incluídas nas ditas rúbricas dos três capítulos que se lhes referem. Fundamentalmente seriam as seguintes:

(24) - Luís de Bivar Guerra: "Inventário e sequestro da Casa de Aveiro, em 1759" - Lisboa, 1952.

"Inventários e sequestros das Casas de Távora e Atougua, em 1759"- Lisboa, 1954.

António de Aguiar: "Mobiliário português do século XVIII (achega para o seu estudo)" - Separata da revista "OCIDENTE", vol. XLVIII.

Cama

- 4 cortinas, 2 mais largas e 2 mais estreitas, com 5 côvados de altura;
- 7 (ou 6) sanefas;
- Docel ou sobreceú e seu remate de teto;
- Espaldar (com altura igual à das cortinas);
- Guarda-colchões e rodapé;
- Cobertor;
- 14 peças de guarnição dos balaústres do leito (umas maiores outras mais pequenas);
- 2 travesseiros;
- 4 bolsas.

A armação era de veludo carmezim forrada a seda de nobreza da mesma côr, com guarnições, galões, franjas e bordados de ouro fino e foi avaliada, numa das rúbricas, em 680\$000 reis e, noutra, em 800\$000 reis.

Vários itens, que não trascrevemos, dizem respeito à armação que forrava as paredes do quarto (panos e sanefas) e vestia as suas 31 (ou 32) cadeiras, também de veludo carmezim bordado a "ouro-palha da India", à qual as duas avaliações atribuíram o valor de 1 080\$000 reis e 1 296\$000 reis.

Leito

Leito de ébano com espaldar ("grade") composto por 13 balaústres com molduras e "releixos" (aneis ?) de latão dourado e 4 travessões, guarnecidos de chaparia de prata arrendada ("transparente") e lavrada, pregada com preguinhos do mesmo metal, tendo nas faces ("mesas") dos travessões uma decoração composta por 13 relicários ovais de cristal, e várias flores de prata, algumas douradas, com pedras de cristal no centro em forma de bolota e de diversos tamanhos. Pernas e colunas ("pilares") do docel torneados na forma dos balaústres e constituídos por troços principais formados por várias peças sobrepostas, com "releixos" de latão dourado (semelhantes aos dos balaústres), guarnecidos a prata e

decorados à volta por florsinhas com centro de cristal.

Constituíam pertenças do mesmo leito (provavelmente para remate da sua barra superior e topos das colunas do docel) os seguintes adereços de prata: 13 figuras simbólicas ("com várias significações") portadoras de insígnias; 14 ramalhetes, 3 mais pequenos dum feitio, 4 de outro ("com paçaros em cima") e 7 de outro, ainda; e 4 jarrinhas.

Do leito completo ou da sua estrutura de madeira não existem avaliações, mas sim da prata que guarnecia a "grade/pilares e mais pesas mencionadas", e das pertenças referidas, totalizando:

-Guarnecimento de prata:	220\$000	reis
-Figuras simbólicas:	256\$000	reis
-Jarrinhas e ramalhetes:	53\$390	" 309\$390 "
-Total:	Total:	529\$390 "

Ora como se sabe que o leito com o respectivo guarnecimento foi arrematado na hasta pública "a Theodoro de Brito Macedo, que vive do seu negócio, morador na Rua das Pretas" pela importância de 226\$000 reis, somando esta à da avaliação da obra de prata supramencionada, ter-se-á um valor aproximado do móvel completo: 755\$390, da ordem da média da avaliação da respectiva "cama".

Tentou-se, à base dos dados documentais transcritos, fazer uma reconstituição da "cama imperial" dos Távoras, o que não se conseguiu, nem seria fácil, pois escasseiam alguns dados fundamentais, outros contradizem-se nas várias rúbricas. Em todo o caso afigura-se que seria bastante semelhante à dos Marqueses do Cadaval: ambas de ébano e com peças torneadas intercaladas de anéis de latão dourado, marchetadas de prata lavrada e tendo idêntica constituição dos balaústres. Mais rica seria a decoração da dos Távoras na barra superior, por acrescida dos 13 cabuchões de cristal e remate com igual número de figuras simbólicas (colocados aqueles e estas na prumada dos 13 balaústres) entremeadas com os 14 ramalhetes, destinando-se as 4 jarrinhas, provavelmente, ao topo das colunas do docel.

É sabido que no séc.XVII se usava "Vestir" os moveis com ricos paramentos, que chegavam a variar conforme as épocas do ano⁽²⁵⁾. O costume confirma-se com os elementos extractados do inventário e sequestro dos bens dos Távoras, que permitem, além do mais, concluir que se estendia mesmo a moveis já de si ricamente decorados (como era o leito de ébano recamado de prata). De facto, na "AVALIAÇÃO DAS ARMAÇOENS QUE SE ACHARAM", transcrita no anexo, lá se encontram, "14 peças de garnição dos balaústres do mesmo leito huas maiores outras mais pequenas" condizendo com os seus restantes panejamentos e, até, com os panos que vestiam as cadeiras do compartimento e revestiam as respectivas paredes.

Há notícia de quartos de dormir em que se recebiam visitas e isso sucederia no dos Távoras, verdadeira "câmara de aparato", quadro de formidáveis dimensões para arrumar trinta e tal cadeiras, a deslumbrante "cama imperial" e, provavelmente, outros moveis, formando conjunto pela riqueza e côr das deslumbrantes armações condizentes, verdadeiro monumento de luxo e ostentação duma família que sabia viver "à lei da nobreza".

Foz do Douro, Abril de 1972

Bernardo Ferrão de Tavares e Távora

(25). Veja-se, a propósito, o interessante artigo de Carlos da Silva Lopes, publicado na secção "BRICABRABRA-QUE" do diário "O Primeiro de Janeiro" de 30/1/1972, "Um interior português dos tempos filipinas".

ANEXO

Descrições e avaliações da "cama imperial" dos Marquesses de Távora, extratadas da segunda das obras referidas na nota (24):

"Appendço A" (datado de 1758)

- Nº.261 - Hua armação de Cama Imperial de veludo carmezim com guarniçõis e franjas de ouro com algumas bordaduras do mesmo ouro, que se compoem de quatro cortinas forradas de tafetá com sete sanefas com a mesma guarnição e bordadura e seu ducel e espaldar e seu cobertor Irmão com vinte e quatro pessos da mesma fazenda com a mesma guarnição meudas de vários tamanhos e quatro panos de tafetá carmezim forrados de Ruão com seu galão de ouro.
- Nº.262 - Hum Leito de pao de Evano torneado com sua grade de treze balaustres todo marchetado de prata alguma de Madre peroladigo com guarnição em parte de latão dourado com duas laminas de prata **lqvr**ada pertencentes a cabeceira do mesmo leito.
- Nº.263 - Tres Figuras de prata com sua ênsignia pertencentes ao mesmo leito e quatro jarrinhas de prata pertencentes ao mesmo leito.
- Nº.264 - Quatro Ramalhetes de prata entre grandes e pequenos pertencentes ao mesmo leito".

"Appendço D" (no ano de 1759)

"Avaliação da cama Imperial com todos os seus pertences:....
.....Cama quatro cortinhas com quatro panos forrados todos de nobreza da mesma cor cada pano com sinco covados; e hua pessa frajados e agualvados = **l**obre ceo da imperial franjado e bordado todo muito rico = espaldar da mesma forma com quatro panos do tamanho das cortinas = guarda calçoens; e rodapé tãobem franjado e galões = seis sanefas

que á rezão digo peza oito marcos sete onças
hua oitava e meya que á rezão de seis mil reis
o marco por ser de onze dinheiros faz a soma
de sincoenta e tres mil trazentos e noventa
reis..... 53,390

E assim mais hum leito de pao de evano
formada a grade de treze balaustres com mol-
duras e releixos de latão dourado e tudo o
mais goarnecido de prata lavrada tresparente
de xapa tudo cravado com preguinhos de prata
nas facies das mezas da grade tem treze cris-
tais embutidos na madeira por forma de reli-
cários ovados e alguas flores de prata alguas
douradas com cristais no meyo por forma de
bolotas de vários tamanhos e os coatro pilares
hé formado cada um com coatro peças principais
e nestas se encluem várias peças armadas humas
nas outras torneadas tudo goarnecido de prata
e releixos de latão dourado na forma dos bala-
ustres álem das peças sobreditas tem mais coa-
tro peças que mostrao ser a grade do mesmo lei-
to os pilares tem de roda em alguas partes suas
florezinhas com cristais no meyo e lhe faltão
alguas destas avaliada a prata com que está
goarnecido a grade pilares e mais pesas mencio-
nadas nesta adição em duzentos e vinte mil reis....220,000"

Fig.1- "Cama imperial" dos Marquesses do Cadaval; aspecto de conjunto.

Móvel de ébano com aplicações de bronze, marchetado de chapa de prata repuxada e lavrada e decorado com ramalhetes deste metal.

Trabalho híbrido, possivelmente executado por artifices indianos na metrópole ou portugueses na Índia.

Segunda metade do séc. XVII ou primeiro quartel do XVIII.

Fig.2- Leito dos Marquesses do Cadaval; aspecto geral da estrutura do espaldar.

Fig.3- Leito dos Marquesses do Cadaval; pormenor de um vão entre duas tríades de balaústres do andar superior do espaldar.

Fig.4- Leito dos Marquesses do Cadaval; pormenor de um dos conjuntos de urna com ramalhete, ladeada por dois bilros, que rematam superiormente o espaldar.

Revisado em 24/X/70
ao A. de O.

ADENDA:

Já depois de composto este artigo encontrei dois elementos referentes ao assunto, que merecem referência.

O primeiro diz respeito à reprodução da fotografia da cama dos Marquesses do Cadaval, publicada por Reynaldo dos Santos, na estampa em face da pág. 85 do livro de Fernando Castelo Branco: "Lisboa seiscentista", 2ª. edição - Lisboa, 1957, com a seguinte legenda: "Cama seiscentista com aplicações de prata". O Quilô, na pág. 84, cita a obra donde foi extraída a gravura.

O segundo, mais importante, refere-se à menção que faz das "camas imperiais" e: "Regimento que o Senado da Camara da aº Officio de entalhador desta Cidade anno de 1768", regimento de Lisboa que vem transcrito nas obras de Frantz-Paul Langhans: "As corporações dos officios mecânicos - Lisboa, 1943.

Na pág. 19 do vol. II lê-se, no § 2º. : "Farão as camas chamadas Imperiais, que sam todas entalhadas,.....".

Confirma-se, assim, que no terceiro quartel de setecentos continuavam a executar-se tais móveis, mas a definição do chamadouro deixa-nos dúvidas sobre as características das ditas camas. Seriam assim designadas só pelo facto de serem todas entalhadas?

B.f.